

# [SER HUMANA É]

**Bruna Kalil Othero**

Bruna Kalil Othero, nascida em Belo Horizonte, em 1995, é poeta e pesquisadora. Autora dos livros de poesia *Anticorpo* (2017) e *Poétiquase* (2015), organizou também *A Porca Revolucionária: ensaios literários sobre a obra de Hilda Hilst* (2018). Atualmente, cursa mestrado em literatura brasileira na UFMG.

ser humana é chorar 3 vezes por semana, eu já contei quatro e hoje ainda é quinta, será que estou vivendo ou apenas me emocionando pra caralho com qualquer bater de asas das borboletas do jardim botânico de manaus, qualquer caminhar de duas patas pela superfície terrestre, qualquer sol que se põe, porra, que merda de frase é essa, como assim “qualquer sol”, não existe qualquer sol, existe o nosso sol, esse sol que nos queima e nos dá vida, carrasco e salvador, esse lunático que não nos deixa fitá-lo por muito tempo, essa merda desse sol que inspirou uma música chiclete que não sai das porras dos rádios, meu deus do céu, quem é que escuta rádio hoje em dia, você parece até um homem das cavernas, isso, lá na antiguidade, quando as pessoas ainda ouviam telenovelas, esperavam as notícias chegarem pelas ondas sonoras conectadas pelos continentes, que balela, hoje continua a mesma merda, só que chega no seu bolso, esse bolso vazio, falido, igual ao que pensei que seria o caso do personagem do filme, sim, eu vi um filme, eu vi vários filmes, eu li vários livros, e choro em todos, absolutamente todos, me sinto frágil, me sinto pequena, me sinto enorme, sou a dona da porra desse mundo, escrevi em português mas pensei em inglês, nine out of ten movie stars make me cry, não, cacete, pensei em inglês lembrando do leonardo di caprio, i'm the king of the world, ah, mas esse combinou também, todos os filmes, todos os filmes, ten out of ten, até os filmes do adam sandler, sim, eu morro naquela hora de

click que ele percebe que o passado dele passou pelos seus olhos e não fez nada pelos filhos, ainda a cena é na chuva, ah faça-me o favor que coisa clichê, pra quê que esses produtores ainda fazem essas coisas tão óbvias, é porque eles sabem que isso emociona otários feito você, isso é pra enganar os idiotas que ainda têm fé na vida, hahaha, qual o sentido disso, caralho, o que significa fé, o que significa vida, o que significa ter, o que significa, nada, nada, vazio, falido, igual ao que pensei que seria o caso do personagem do filme, você tá falando há meia hora e ainda não falou do filme, da porra do filme, anda logo, que filme é esse, eu odeio cinema, nunca fui ao cinema, nunca assisti a um filme sequer, nunca li um livro, na vida toda, na vida toda, nunca ouvi uma música, mas e no rádio, porra quem é que escuta rádio, no rádio eu deixo sempre na CBN, só pra ouvir notícias, nunca nunca uma música, e eu assustadíssima eu incrédula só pensava, isso não é vida, você só ocupa espaço, consome e queima carbono, isso não é vida, FALA LOGO DO FILME, isso, o filme, era sobre um cartunista que só vira cartunista depois de ficar paraplégico, ou tetraplégico, não sei bem, você não prestou atenção, prestei sim, mas só no que você queria, selfish son of a bitch, ele anda na cadeira de rodas, ah pronto, eu já pensei, vai usar fórmulas baratas para enganar otários, e eu não sou otária, ah mal sabia ela, disse o narrador, que sim ela seria uma das várias otárias, na verdade, ela sabia muito bem, ah se

sabia, que apesar das fórmulas, as fórmulas são infalíveis, por isso são fórmulas, embora também funcione caso você saia da sua área de conforto e ouse mais, pois bem, apesar de tudo isso, eu chorei, chorei muito, me emocionei de tal forma, feito uma criança que prova o gosto de açúcar pela primeira vez.

eu via na tela um homem que, de tão bêbado, se havia deixado conduzir num carro por um homem ainda mais bêbado, quando esse homem, após perder os movimentos do pescoço pra baixo, se sentou pela primeira vez em uma cadeira com controle remoto, um controle remoto que lhe possibilitava domínio, direção, liberdade, os ventos nos cabelos, ele se encantou por esse controle, se deleitou naquele instante, a dignidade resgatada, o brilho no olhar, joaquin phoenix um grande ator, tão grande que a minha miragem foi perfeita, eu comprei aquele acontecimento tão prosaico mas tão prosaico que chegou a ser extraordinário, foi incrível, tão grande que não parecia estar atuando, tão grande que rasgou meu coração em alguns pedaços e me permitiu continuar vivendo, o peito quente, os olhos em maremoto. somos um bando de ícaros, derretidos frente ao poder maior, e que bom que existe a arte, a arte, essa cera que nos gruda às asas falsas

e sustenta a ilusão.